

ASPECTOS COGNITIVOS NO DESENVOLVIMENTO DAS FACULDADES LINGUÍSTICAS

Livia Carneiro Lima da Hora (UEMS)

livia3009@hotmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@uol.com.br

RESUMO

O fenômeno existente na mente humana no processo de aprendizado e reprodução de estruturas linguísticas representa um esforço sociocognitivo bastante complexo. O contexto discursivo da aquisição da linguagem exige um trabalho de codificação das ideias e pensamentos em palavras, que combinadas entre si formam frases que, por sua vez, serão organizadas e pronunciadas com o objetivo de promover a interação e comunicação, por meio da decodificação, ou seja, interpretação das ideias do interlocutor. Desse modo, o domínio do instinto da linguagem possibilita ao ser humano apropriar-se de sua língua, para utilização da linguagem em diferentes contextos. Nesse sentido, no presente estudo são analisados alguns aspectos cognitivos envolvidos no processo de compreensão dos mecanismos utilizados pelo homem para desenvolver a faculdade linguística, buscando evidenciar de que modo ocorre esse encadeamento entre codificação e decodificação de significados linguísticos. Para tanto, serão utilizadas as teorias de Pinker (2004), Kenedy (2013) e outros autores que contribuem para compreensão dos fenômenos ligados às ciências da linguagem.

Palavras-chave:

Cognição. Comunicação. Linguagem humana.

1. Linguagem

A linguagem é uma capacidade humana utilizada para expressão e comunicação que possibilita uma revolução na relação do homem com o mundo, manifestando-se nos primeiros anos de vida e passando por evoluções constantes. Com aproximadamente três anos de idade uma criança já desenvolveu um mecanismo complexo capaz de compreender e produzir enunciados altamente ricos em sentido. Essa organização produz esquemas mentais que tendem a ser melhor absorvidos e fixados na infância, pois nessa fase as conexões cerebrais estão no ápice do desenvolvimento, assim, nessa faixa etária é possível aprender com significado e não apenas adquirir a linguagem.

Segundo Chomsky (1977), um dos pontos fundamentais no estudo da linguagem é a possibilidade de descobrir princípios abstratos que fazem parte de uma necessidade biológica e que governam sua estrutura e

uso. Nessa perspectiva, esse conhecimento é adquirido sem a necessidade de treinamento específico, por isso ocorre de maneira espontânea; como afirma Pinker (2004), a linguagem está naturalmente ligada à existência humana e está inserida na área das ciências cognitivas recentes, dessa forma, a investigação dos fenômenos que a envolvem é de fundamental importância para a compreensão de seu funcionamento.

Nesse contexto, as ideias dos teóricos se aproximam no sentido de interpretar essa manifestação comunicativa como um ato instintivo da espécie humana, o que explica que sua aprendizagem ocorra de maneira tão automática, pois a mente parece estar dotada de habilidades para tal finalidade. Assim, não é possível desconsiderar que a linguagem ocupa um lugar de destaque na comunicação, sendo, então, um tema com grandes possibilidades de estudos.

Na atual constituição do mundo em que vivemos, é algo relativamente difícil imaginar a convivência sem a existência da comunicação entre os seres. A linguagem está presente na humanidade desde os tempos mais remotos, sendo uma necessidade fundamental e uma habilidade nata de nossa espécie. Assim, não se trata apenas de expressão do pensamento, e sim, de uma manifestação necessária à vida em sociedade.

De acordo com Pinker (2004):

(...) a linguagem completa é universal porque as crianças efetivamente a reinventam, geração após geração – não porque a aprendem, não porque são em geral inteligentes, não porque é útil para elas, mas porque não têm alternativa. (PINKER, 2004, p. 25)

As definições de sua obra a respeito da linguagem humana são bem enfáticas no sentido de relacioná-la a um instinto presente como traço preeminente à interação. Assim, evidencia-se que o instinto da linguagem está intrinsecamente relacionado aos primórdios da vida humana e somente o homem é capaz de realizar transformações positivas na linguagem, pois na medida em que evolui, seu sistema de comunicação também se aperfeiçoa.

Nessa perspectiva, Pinker (2004, p. 7) afirma que “a linguagem está tão intimamente entrelaçada com a experiência humana que é quase impossível imaginar vida sem ela”, isso porque existe uma necessidade humana em estabelecer relações sociais e culturais, que se concretizam por meio da linguagem.

Vejam agora que na concepção de Saussure (1969), considerado o pai da linguística por apresentar teorias basilares nessa área, foram

abordados importantes conceitos específicos a respeito de linguagem, língua e fala, ou, em sua definição, *language*, *langue* e *parole*, analisando-os como um conjunto de ações necessárias ao ato da comunicação humana.

Para o autor, a língua e a fala são partes indissociáveis da linguagem, que, por sua vez, possui um aspecto muito mais abrangente. Seriam como dois lados de uma mesma moeda, sendo que de um lado a língua teria um aspecto de sistema social, a fala, individual e a linguagem seria a própria moeda. A esse respeito, Saussure (1969) afirma que:

Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; a cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao mundo social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade. (SAUSSURE, 1969, p. 17)

Na visão saussuriana, o objeto principal de estudo da linguística é a língua. A linguagem é, então, composta por elementos que se complementam e envolve áreas distintas, gerando a dicotomia entre língua e fala e demonstrando que essas duas instâncias fazem parte de uma unidade maior na comunicação.

Por outro ângulo, Sapir (1980) relaciona a linguagem ao pensamento humano, pois acredita que o pensamento é um dos fatores ligados à faculdade da linguagem, a qual está inserida nas propriedades cerebrais, possibilitando que seja constantemente aprimorada, isto é, o pensamento é produto da linguagem e este a aperfeiçoa, gerando uma relação de interação constante entre ambos.

Ainda em relação à linguagem, Sapir (1980) a conceitua como:

(...) um método puramente humano e não-instintivo de comunicação de ideias, emoções e desejos por meio de um sistema de símbolos voluntariamente produzidos. Entre eles, avultam primacialmente os símbolos auditivos, emitidos pelos chamados “órgão da fala”. Não há uma base discernível de instinto na fala humana considerada como tal, embora muitas expressões instintivas e a própria natureza ambiente sirvam de estímulo ao desenvolvimento de certos elementos linguísticos, e embora muitas tendências instintivas, motrizes e outras, ofereçam um teor ou molde predefinido à expressão linguística. Comunicações humanas ou animais [...] decorrentes dos gritos involuntários instintivos não constituem, a nosso ver, fatos de linguagem. (SAPIR, 1980, p. 12)

Destarte, é possível identificar que, para o teórico, a linguagem não é algo instintivo no ser humano e sim o resultado de um processo de construção de experiências vividas, somadas a características fisiológicas

que a possibilitam.

Assim, como elemento da natureza humana, a linguagem vem sendo considerada por linguistas contemporâneos, como Pinker (2004), parte da ciência cognitiva recente. Para o autor essa nova modalidade de ciência busca explicar como funciona a inteligência humana, apoiada em princípios de outras áreas como a Psicologia, Filosofia, Neurobiologia, entre outras. Dessa forma, o estudo da linguagem, nessa perspectiva, procura esclarecimentos a respeito da estrutura e funcionamento dos fenômenos que a envolvem e de como se manifesta na infância de forma espontânea, mesmo sem a necessidade de ensino formal.

2. *Língua*

Dentre os diversos códigos que podem ser utilizados na comunicação, a língua é de fundamental importância, pois é uma forma de expressão que pode ser empregada universalmente em qualquer grupo social. Compara-se, assim, a um sistema que serve como principal forma de interação entre os membros de uma comunidade.

A respeito de sua definição, Saussure (1969, p. 17) esclarece:

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. (SAUSSURE, 1969, p. 17)

Evidencia-se, então, que enquanto a linguagem é considerada por ele como uma faculdade, a língua é o mecanismo que permite o exercício efetivo de tal faculdade, por isso, para (1969) a língua é primordial aos estudos da linguística, já que se trata de uma manifestação social e essencial da linguagem, pois o homem sozinho não pode alterá-la, a não ser em virtude de acordo entre os membros da comunidade, enquanto a fala é individual e exprime a forma como o falante utiliza o código da língua.

Dessa forma, é possível compreender que a língua exerce uma função sócio-cultural no meio em que estiver inserida, já que pode interferir no comportamento social (vida, cultura e história), nos valores, nos falares, no modo de ser e nas crenças de um povo. Ela é uma das formas de se retratar determinada sociedade e as atitudes de seus membros.

Por conseguinte, a língua age como mecanismo que possibilita ao

homem expressar as ideias que lhe são convenientes e torná-las públicas. Nesse processo ela é tida como mediadora da ligação entre o homem e o mundo ao seu redor.

Nessa perspectiva, Pinker (2004, p. 7) alega que “uma língua comum une os membros de uma comunidade numa rede de troca de informações extremamente poderosa”. É a partir da língua que a realidade dos falantes é construída, pois o domínio de uma língua possibilita a compreensão e produção de uma infinidade de combinações de palavras, a qual denominamos discurso.

Para Kenedy (2013, p. 9):

Com efeito, língua é um tipo específico de linguagem, como o próprio Saussure já havia dito. Afinal, uma língua também é um sistema de comunicação e expressão e, assim, é uma forma de linguagem. Acontece que a língua é uma forma singular de linguagem, com características próprias que a distinguem de todas as demais linguagens animais ou humanas não-verbais. (KENEDY, 2013, p. 9)

Nessa visão, a grande porção de expressões compartilhadas pela comunidade e aceitas socialmente e a infinita possibilidade de combinações do léxico, são fatores que tornam uma língua única e a distinguem da linguagem, pois essa capacidade de criação é específica de cada língua.

Para Araújo (*Apud* VANOYE, 2002)

[...] a linguagem é entendida como representativa do mundo e do pensamento, surge da concepção de que o homem, por meio da linguagem, vai espalhar para si o mundo, sendo, pois, a função da língua refletir o seu pensamento e conhecimento do mundo. (ARAÚJO *apud* VANOYE, 2002, p. 20)

Dessa forma, a língua demonstra seu importante papel na troca de informações que há na interação humana.

Esta comunicação pode ocorrer de forma escrita ou falada. Para esclarecer estes dois processos, Vanoye (2002) explica que a língua falada:

[...] possui recursos expressivos específicos como a acentuação, pausa, entonação e fluência. Na língua falada ocorrem mais as onomatopéias, as exclamações, a repetição de palavras, rupturas de construção de frases, o complemento não aparece, partindo a frase para outra direção na língua falada emprega formas contraídas ou omite termos, no interior das frases, não emprega certos tempos verbais. (VANOYE, 2002, p. 37)

Assim, acredita-se que dentre todos os tipos de linguagem, a lín-

gua falada seja a mais utilizada pelo ser humano, pois por meio dela ele se expressa livremente, não se prendendo tanto às normas exigidas pela gramática, ao contrário do que acontece na língua escrita.

Ainda, segundo Vanoye (2002, p. 37) “a comunicação escrita é menos ‘econômica’ e força o emissor a fazer referências mais precisas sobre a situação. A língua escrita então é geralmente mais precisa e menos alusiva que a língua falada”, ou seja, na língua escrita há um nível maior de formalidade na interação para que ocorra entendimento. A língua escrita exige, portanto, alguma noção gramatical por parte do emissor, pois sem o domínio do código da língua, dificilmente haverá compreensão das ideias transmitidas na comunicação escrita, além disso é necessário pensar de maneira mais elaborada para fazer uso da língua escrita, pois é preciso haver um trabalho mental para transformar as ideias em frases coerentes que façam sentido para o receptor da mensagem.

Na visão de Chomsky (1957, p. 15), pode-se entender por língua “um conjunto (finito ou infinito) de frases, todas elas com extensão finita e construídas a partir de um conjunto de elementos”. Para ele, as línguas são capazes de produzir sequências gramaticais, como também, agramaticais, e é papel da análise linguística proceder tal distinção.

Numa outra perspectiva, de acordo com Kenedy (2013):

[...] o termo língua pode assumir pelo menos dois significados. Primeiramente, pode significar o conhecimento linguístico de um indivíduo acerca de uma dada língua, ou seja, é a **faculdade cognitiva** que habilita esse indivíduo a produzir e compreender enunciados na língua de seu ambiente. [...] Em segundo lugar, língua pode significar o **código linguístico** existente numa comunidade humana, isto é, língua é o léxico e tudo o que nele está contigo ou dele é derivado. (KENEDY, 2013, p. 27) (Grifo próprio)

Para Kenedy (2013), a primeira concepção da língua corresponde a uma habilidade específica produzida na mente humana, ou seja, nessa visão cada pessoa possui sua própria língua, dessa forma, a quantidade de línguas poderia ser comparada à quantidade de pessoas ao redor do globo. Já na segunda, a língua passa a ser vista como algo externo à mente, existente em cada comunidade de falantes, o que reduziria bem mais a quantidade de línguas.

Com base nesse princípio, Chomsky (1986, apud KENEDY 2013) desenvolveu os conceitos de “Língua-I” para identificar essa visão da língua como faculdade cognitiva, ou seja, que está situada na mente, internalizada e individual; e “Língua-E”, como código linguístico, ou seja,

um fenômeno sociocultural que é compartilhado pelos indivíduos de uma sociedade. Dessa forma, a chamada Língua-I como domínio cognitivo está inserida em um módulo mental, teoria que será abordada no próximo capítulo.

Percebe-se, assim, que a língua está imersa em um processo ininterrupto de evolução, que se dá sempre que ocorre interação entre seus interlocutores, sendo que a principal manifestação dessa relação acontece por meio da fala, como será explorado a seguir.

3. Fala

Completando a tríade da comunicação humana, encontra-se a fala. Ao contrário da língua, a fala pode ser considerada como uma expressão individual da linguagem, a forma como cada falante se adequa e faz uso da língua para transmitir seus pensamentos de forma única.

Trask (2006, p. 106) descreve a fala como “a língua falada, seja em geral ou em casos específicos”. Nesse sentido, adota três concepções, comumente utilizadas pelos linguistas para defini-la:

Em primeiro lugar, a fala é um meio, isto é um veículo para a língua. [...] Em segundo lugar, a fala é, em termos gerais, o comportamento linguístico das pessoas que falam, incluindo quaisquer padrões que sejam visíveis nesse comportamento. [...] Em terceiro lugar, são fala os enunciados reais produzidos por pessoas reais em ocasiões reais. (TRASK, 2006, p. 106)

Nessa perspectiva, os três conceitos estão alinhados em considerar a fala como um ato sempre pessoal, que parte da pessoa (falante) para o meio, ou seja, é necessário que o indivíduo organize internamente seu pensamento para que só então seja capaz de exteriorizá-lo claramente.

A manifestação da língua por intermédio da fala pode ser considerada um dos mecanismos mais bem elaborados da linguagem, como explica Pinker (2004, p. 199) “a fala não exige boa iluminação, contato frente a frente ou entrega total de mãos e olhos, e pode ser bradada a longas distâncias ou sussurrada para ocultar a mensagem”.

Dessa maneira, fica claro que o falante é quem tem o controle sobre ela e é capaz de fazer adaptações em seus fluxos de sons, como altura, ritmo e articulação, o que a torna casual e singular.

Borba (1977), com relação ao tema, propõe que a fala é uma ne-

cessidade humana para comunicação e expressão, sendo capaz de sofrer alterações de acordo com a situação e de indivíduo para indivíduo. Sendo assim, não é o falante que cria a língua com o uso da fala, pois ele só cria seu discurso a partir das situações impostas pela sociedade, ou seja, é o uso social da língua que pode alterar a fala.

Corroborando o pensamento exposto, Fiorin (2004, p. 11) ressalta que a fala é “rigorosamente individual, pois é sempre um eu quem toma a palavra e realiza o ato de exteriorizar o discurso”. O autor postula, ainda, que se trata de uma exteriorização “psicofísico-fisiológica” do discurso, defendendo que o falante se utiliza da fala para expor sua realidade, imposta pelas ideologias com as quais convive.

Nesse contexto, a fala é compreendida como um importante instrumento que pode ser utilizado tanto para informar e transmitir pensamentos, como para manipular ideias e convencer através da escolha do repertório.

Em relação ao falante, Kenedy (2013, p. 6) descreve que “o indivíduo que fala executa um trabalho sociocognitivo muito complexo. Ele deve codificar os seus pensamentos e ideias em palavras, que, por sua vez, devem ser combinadas entre si em frases, as quais, por fim, são pronunciadas para um interlocutor num dado contexto discursivo”. Para o autor, esse processo exige uma interação significativa entre a mente humana e a realidade sociocultural, para que a fala possibilite decodificação com produção de sentidos, ou seja, a fala é uma atividade extremamente elaborada e que necessita de um grande trabalho mental capaz de transformar as ideias em frases ordenadas.

Conforme exposto, a tríade comunicativa demonstra grande importância na compreensão dos estudos relacionados ao funcionamento cognitivo das capacidades linguísticas, assim, as noções apresentadas possibilitam o entendimento com maior clareza dos aspectos relacionados à maneira como ocorre a aquisição da faculdade da linguagem.

4. *Faculdade da linguagem*

Apesar de se apresentar de maneira espontânea e natural, visto que nos primeiros anos de vida a criança já domina mecanismos extremamente eficazes para a produção de sentidos na comunicação, o processo de aquisição da faculdade da linguagem é bastante complexo.

Num traçado temporal, Chomsky (1977) defende a significação de faculdade da linguagem como competências cognitivas inatas ao ser humano. Fodor (1983) exemplifica esse fenômeno com o esquema de modularidade da mente, que teria um sistema de faculdades distintas e independentes, cada uma trabalhando em prol de determinado desenvolvimento. Já Raposo (1992) reforça tal ideia confirmando que essa é uma faculdade específica da mente humana.

Nessas perspectivas, entende-se que a linguagem está relacionada ao ato de interação específico da espécie humana, tendo em vista que somente o homem é beneficiado com essa forma de comunicação e dela é dependente. Assim, toda criança, com cérebro e corpo saudáveis e considerados normais, é capaz de adquirir naturalmente a língua a qual é exposta em seus primeiros anos de vida. Tal façanha parece estar ligada à capacidade particular da mente em encontrar mecanismos facilitadores para aquisição da linguagem.

Essa habilidade humana em adquirir uma língua tem sido objeto de diversos estudos. Nesse sentido, duas correntes teóricas a respeito do tema, o behaviorismo e o inatismo, podem auxiliar na compreensão de tal processo cognitivo.

Kenedy (2013) explica que o argumento da pobreza de estímulos, pertencente à corrente do behaviorismo, é uma teoria que acredita que o aprendizado da língua é resultante de imitação, comparando o ser humano a uma tábua rasa, um papel em branco e que a aquisição do conhecimento se dá exclusivamente em decorrência dos estímulos aos quais somos expostos. Na visão behaviorista é natural que a criança reproduza a fala que escuta, dessa forma a linguagem se desenvolve a partir das interações da criança com o meio ao qual está exposta.

A respeito dessa teoria, Skinner (*Apud* KENEDY 2013, p. 35) descreve que “a aquisição de uma língua consiste fundamentalmente numa aprendizagem de hábitos de “comportamento verbal” através de processos de observação, memorização, generalização indutiva, associação, etc”, ou seja, para o autor esse processo de aprendizagem da língua está centrado na “imitação” de padrões verbais, sendo assim, a interação social é um fator fundamental para que a criança adquira a linguagem, pois é primordial que haja essa observação dos falares de outras pessoas para que ela possa construir o seu próprio.

Nesse pensamento, o adulto tem papel essencial no processo de desenvolvimento da faculdade da linguagem, assim, a criança tem como

base a fala adulta para que possa desenvolver sua capacidade de enunciação independente.

Sapir (1980, p. 12) afirma que a linguagem é uma “atividade humana que varia, sem limites previstos, à medida que passamos de um grupo social a outro, porque é uma herança puramente histórica do grupo, produto de um uso social prolongado”. Dessa forma, admite também que linguagem é adquirida de forma cultural, resultante da convivência social e que sofre variações de acordo com o grupo social em que está inserida.

Há de se considerar que o behaviorismo foi alvo de críticas que, no geral, acusavam de ser superficial em relação aos estudos da mente humana. Para a linguagem, essas críticas eram baseadas no argumento de que a aquisição da linguagem é um processo muito mais elaborado que a simples imitação de padrões e Chomsky foi o mais relevante opositor, com sua teoria inatista.

Sob o ponto de vista de Lyons (1972, p. 13) “hoje em dia, todas as outras “escolas” de linguística tendem a definir a sua posição em relação aos pontos de vista de Chomsky sobre problemas particulares”. Percebe-se então, que o teórico apresenta considerações relevantes aos estudos sobre linguagem e a importância de suas reflexões.

Nesse aspecto, a linguística gerativa é a área de estudos que busca compreender como esse desenvolvimento da linguagem acontece na mente humana e teve início apoiada nas ideias de Chomsky, em seu livro *Estruturas Sintáticas* (1957), em que foram apresentados conceitos a respeito da linguagem como produção mental.

De acordo com Kenedy (2013):

[...] a abordagem de Chomsky foi revolucionária para a época, pois, até a metade do século passado, a linguística ocupava-se quase exclusivamente da dimensão social e histórica da linguagem humana, tal como acontecia no estruturalismo linguístico. A partir das ideias de Chomsky, os linguistas passaram a não apenas descrever a estrutura das línguas, mas também a procurar explicações para como a mente humana era capaz de adquirir e processar essas estruturas. (KENEDY, 2013, p. 18)

A visão abordada por Chomsky (1973) está inserida na teoria inatista, em que se afirma que existe uma predisposição genética a qual permite ao homem a aquisição da linguagem. Para ele, a linguagem que os adultos utilizam com as crianças é limitada, com estruturas simples que têm a finalidade de facilitar a compreensão, dessa forma, não seria

possível que a criança aprendesse a linguagem apenas com base nessa convivência. Na perspectiva do inatismo, a aquisição da linguagem seria um fenômeno que parte de mecanismos inatos, ou seja, a criança possui uma tendência instintiva em desenvolver a linguagem.

A respeito da hipótese do inatismo, Kenedy (2013) esclarece que a linguística gerativa apresenta a seguinte resposta:

Um indivíduo humano parece possuir alguma predisposição genética para adquirir e usar uma língua de maneira tão rápida e natural, seja qual for a língua [...] e mesmo que haja mais de uma língua no ambiente (como é o caso das comunidades bilíngues e multilíngues, parece ser fruto de uma disposição biológica exclusiva da espécie humana. (KENEDY, 2013, p. 54)

Tal assertiva admite a existência de uma inclinação biológica nesse processo, assim como apresentado por Chomsky. Dessa forma, a partir dos estudos iniciais de Chomsky, é lançado um olhar investigativo a respeito da aquisição da linguagem, o qual teve papel fundamental para a formulação de novas teorias, pois diversos pesquisadores têm analisado a maneira que o modo de falar com as crianças pode influenciar no desenvolvimento da linguagem.

Nesse sentido, Pinker (2004) sustenta que:

A linguagem não é um artefato cultural que aprendemos da maneira como aprendemos a dizer a hora ou como o governo federal está funcionando. Ao contrário, é claramente uma peça da constituição biológica de nosso cérebro. A linguagem é uma habilidade complexa e especializada, que se desenvolve espontaneamente na criança, sem qualquer esforço consciente ou instrução formal. (PINKER, 2004, p. 9)

Desse modo, o autor defende a ideia da existência do “mentalês”, que seria a linguagem do pensamento que é, por sua vez, traduzida em palavras numa espécie de codificação e decodificação, como no esquema:



Por considerá-la como instinto, o teórico corrobora o pensamento de Chomsky, pois em sua fala depreende-se que a criança traz internamente um aparato mental que a permite compreender padrões complexos da língua e da fala de forma natural.

Em relação às características da linguagem, segundo Chomsky (*Apud LYONS, 1972*), é particularmente importante considerar:

[...] a capacidade que têm as crianças de deduzir as regularidades estruturais da sua língua-mãe – as suas regras gramaticais – a partir das frases que ouvem aos pais e a quem mais os rodeia e de usar em seguida essas regularidades na construção de frases que nunca tinham ouvido anteriormente. (CHOMSKY *apud LYONS, 1972*, p. 15-6)

Assim, mais uma vez é assegurada a importância atribuída à linguagem como parte da cognição humana, capaz de criar novas estruturas a partir de sentenças anteriores, bastante típico na fala de crianças.

Em Câmara Jr. (1977, p. 15), percebe-se a influência dessa abordagem mentalista, pois em sua visão, para que possa “haver linguagem é preciso [...] uma atividade mental tanto no ponto de partida quanto no ponto de chegada”, ou seja, “é preciso que o manifestante tenha tido a intenção de manifestar-se”. Dessa maneira, a linguagem é vista como uma forma intencional de comunicação que possibilita ao ser humano a transmissão de sua compreensão de mundo.

Nesse sentido, pode-se dizer que as crianças adquirem, durante o percurso de desenvolvimento da linguagem, elementos da fala adulta, criando uma certa dependência em relação à fala do outro. De acordo com Del Ré (2006):

[...] a linguagem é atividade constitutiva do conhecimento do mundo pela criança, é onde ela se constrói como sujeito e por meio da qual ela segmenta e incorpora o conhecimento do mundo e do outro. Desse modo, a linguagem e conhecimento do mundo são intimamente relacionados e os dois passam pela mediação do outro. (DEL RÉ, 2006, p. 26)

Assim, evidencia-se que a criança se utiliza da linguagem para descobrir e compreender o mundo. Nesse processo, o adulto tem fundamental importância, pois tem a função de mediador desse conhecimento, porém seu envolvimento não limita a atuação da própria criança na forma como adquire e desenvolve a linguagem, até que efetivamente tenha condições de tornar-se linguisticamente independente.

5. Considerações finais

Face ao exposto, observa-se a importância da participação e a influência do outro na fala da criança, porém, cabe destacar, de acordo com as informações apresentadas, que ela não é apenas mera reprodutora de frases e enunciados, e pode sim ser considerada como sujeito falante que apresenta participação ativa no processo de desenvolvimento da faculdade da linguagem, afinal, a autonomia pessoal e curiosidade de cada criança influencia fatores como o tempo e qualidade da aprendizagem, ou seja, o aprendizado é sim baseado na observação e estímulos externos, mas o instinto é um fator fundamental nesse aprendizado.

Desse modo, no processo de aquisição e uso da linguagem sob a ótica dos aspectos cognitivos, evidencia-se que as pessoas não pensam em determinada língua, pensam na língua do pensamento, que, por sua vez, teria uma espécie de código para representar conceitos abstratos. Dominar a faculdade da linguagem é saber como traduzir o mentalês para seqüências de palavras e vice-versa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORBA, Francisco da Silva. *Introdução aos estudos linguísticos*. Campinas: Nacional, 1977.

CÂMARA JR., Joaquim Matoso. *Princípios de linguística geral: como introdução aos estudos superiores da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

CHOMSKY, Noam. *Linguagem e pensamento*. Petrópolis: Vozes, 1973.

_____. *Estruturas sintáticas*. São Paulo: Edições 70, 1957.

_____. *Reflexões sobre a linguagem*. São Paulo: Edições 70, 1977.

DEL RÉ, Alessandra. (Org.). *Aquisição da linguagem: uma abordagem psicolinguística*. São Paulo: Contexto, 2006.

FODOR, Jerry A. *A modularidade da mente*. Cambridge, MA: MIT Press, 1983.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 2004.

KENEDY, Eduardo. Linguagem, sociedade e cognição. In: PAES, R., (Org.). *Língua, uso e discurso: entremeios e fronteiras*. Rio de Janeiro: Editora da UESA, 2013.

LYONS, John. *O que é linguagem: introdução ao pensamento de noam chomsky*. Lisboa: Estampa, 1972.

PINKER, Steven. *O instinto da linguagem: como a mente cria a linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RAPOSO, Eduardo P. *Teoria da gramática: a faculdade da linguagem*. Lisboa: Caminho, 1992.

SAPIR, Edward. *A linguagem: introdução ao estudo da fala*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1969.

TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e linguística*. São Paulo: Contexto, 2006.

VANOYE, Francis. *Usos da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.